

Maria Goretti de Oliveira

Maria Inês Carniato

Rosa Ramalho

Verônica Firmino

É a Palavra se fez carne

(Jo 1,14)

Viver e celebrar o Advento e o Natal



Paulinas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

E a Palavra se fez carne (Jo 1,14) : viver e celebrar o Advento e o Natal / Maria Goretti de Oliveira...[et al.] – 1. ed. – São Paulo : Paulinas, 2024. 112 p.

Outras autoras:

Maria Inês Carniato, Rosa Ramalho, Verônica Firmino

ISBN 978-65-5808-300-9

1. Liturgia – Igreja Católica 2. Advento 3. Natal I. Oliveira, Maria Goretti de

24-4075

CDD 264

Índice para catálogo sistemático:

1. Liturgia – Igreja Católica

1ª edição – 2024

Direção-geral: *Ágda França*

Editora responsável: *Maria Goretti de Oliveira*

Revisão: *Sandra Sinzato e Ana Cecilia Mari*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Produção de arte: *Elaine Alves*

Imagem de capa: *@freepik.com*

Imagens de miolo: *pp. 57, 69, 85, 91, 97: @freepik.com*

p. 91: @pixabay.com

p. 97: Arquivo Paulinas

p. 103: @Jusepe-de-Ribera/Wikimedia Commons

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

(11) 2125-3500

✉ editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

SUMÁRIO

Apresentação.....	5
-------------------	---

ADVENTO

O Advento	9
Viver o Advento.....	19
Celebrar o Advento	25
Encontros do Advento.....	31
Primeira Semana do Advento – Vigilância.....	31
Segunda Semana do Advento – Conversão.....	36
Terceira Semana do Advento – Alegria.....	40
Quarta Semana do Advento – Espera.....	44

NATAL

Viver o Natal	51
Celebrar o Natal.....	55
Celebração do Natal.....	57
Celebração de ação de graças pela conclusão do ano.....	69
Celebração da Sagrada Família: Jesus, Maria e José.....	85
Celebração de Santa Maria, Mãe de Deus.....	91
Celebração da Epifania do Senhor	97
Celebração do Batismo do Senhor.....	103
Obras pesquisadas.....	111

APRESENTAÇÃO

O Ano Litúrgico começa no Primeiro Domingo do Advento e nos convida a percorrer um caminho de fé e de esperança na expectativa da vinda e manifestação do Filho de Deus. O Advento nos prepara para o Natal, inserindo-nos na dimensão histórica e escatológica do mistério cristão.

No Advento, podemos vislumbrar os sinais da chegada de Deus. Desse modo, o mistério de salvação vai ressoando em nós, reavivando a nossa esperança e tornando-nos mais atentos e receptivos a esse acontecimento.

No Natal, celebramos o nascimento do Senhor. Esse tempo nos convida à alegria e à configuração da nossa vida em Cristo, pois, ao celebrar a revelação de Deus na encarnação, contemplamos o mistério de um Deus que se encarna a fim de redimir toda a humanidade. Jesus, divino e humano, assume a fragilidade da nossa carne, fazendo-nos, assim, participantes da sua natureza divina.

Este livro tem a finalidade de ajudar as famílias e comunidades a se prepararem para viver, com sentido e profundidade, o tempo do Advento e o tempo do Natal. As celebrações destes tempos irão ajudar-nos a entrar no mistério e a acolher o Salvador em nosso meio.

Todas as músicas sugeridas nesta obra estão na playlist. Acesse o QRcode abaixo.



Advento

O ADVENTO

Com o Advento, a Igreja inicia o Ano Litúrgico, que segue a lógica da vinda de Jesus: nascido em Belém, criado em Nazaré, manifestado ao povo de Israel como pregador do Reino de Deus, morto e ressuscitado, presente na Igreja e que voltará em sua glória. Tudo o que os Evangelhos relatam sobre Jesus tem como finalidade revelar sua identidade de Deus-Salvador, realizada plenamente na encarnação, nascimento, vida, morte e ressurreição.

Os primeiros séculos da Igreja foram marcados pela memória e pelo anúncio da ressurreição do Senhor, assim como pela forte expectativa de seu retorno glorioso no fim dos tempos. Nesse sentido, o Natal e a Páscoa se completam na celebração do único mistério da salvação. O Natal celebra a apresentação do Filho de Deus ao mundo, enquanto sua plena revelação ocorre na Páscoa, a principal solenidade cristã.

Decisão catequética da Igreja

As celebrações eucarísticas do tempo do Advento, por meio de suas leituras, salmos, antífonas, cânticos e orações, revelam aquilo que o Advento significa: a memória, a atualização e a esperança da vinda do Senhor e do nosso encontro pessoal e comunitário com ele. A origem desse tempo tão inspirador coincide com o surgimento da celebração do Natal.

Nos primeiros séculos do Cristianismo, enquanto as verdades da fé eram esclarecidas e explicadas, o confronto com o pensamento da época deu lugar a alguns equívocos acerca

de Cristo, as chamadas heresias. Um exemplo disso é a dificuldade, que persistiu por mais de trezentos anos, para estabelecer um consenso a respeito da divindade de Jesus Cristo, Filho de Deus, que se encarnou e nasceu por meio de Maria. Foi apenas no quarto século que se definiu oficialmente a verdade que vinha sendo ensinada desde o tempo dos apóstolos e que a Igreja professa até hoje no *Creio*: “Creio em Deus Pai, todo-poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho, Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo; nasceu da Virgem Maria...”.

A Igreja precisou encontrar formas de difundir a certeza fundamental sobre as duas naturezas, divina e humana, unidas na única pessoa de Jesus de Nazaré. Por isso, no ano 336, foi celebrada pela primeira vez a memória litúrgica do nascimento do Senhor em Belém, e a data escolhida foi 25 de dezembro, dia em que a sociedade romana festejava o renascimento do deus Sol, que era aclamado com o título de “Sol invicto”. Pode-se dizer que essa decisão teve dois objetivos: o primeiro foi distanciar os cristãos da festividade pagã, uma vez que a maioria dos fiéis havia se convertido da idolatria e, por toda a vida, participava desses ritos populares tão atraentes e apreciados; o segundo e mais importante objetivo foi fixar uma data anual de intensa catequese, esclarecimento e celebração da fé na divindade do Senhor e em sua encarnação e nascimento em Belém, na condição humana, conforme contam os Evangelhos. O título bíblico de “Sol nascente” (Antífona da novena de Natal, cf. Lc 1,78) foi dedicado a Jesus. Essa designação é confirmada por inúmeros hinos litúrgicos dos primeiros séculos da Igreja, que o descrevem como: Claração da glória do Pai, Luz que a Luz origina, Luz que ao dia

ilumina, Sol verdadeiro de imenso esplendor... etc. (cf. *Liturgia das Horas* – tempo de Natal).

Ao longo dos anos, a prática de celebrar o Natal do Senhor começou a substituir o rito pagão dedicado ao Sol. Contudo, ao mesmo tempo, surgiu a necessidade de uma preparação mais extensa que ajudasse as pessoas a compreender o conteúdo bíblico e a vivenciar melhor a festa litúrgica natalina. Para atender a essa necessidade, igrejas de várias regiões da Europa instituíram algumas semanas a serem dedicadas à espera da vinda de Jesus, a qual os bispos, em suas homilias, definiram como *Adventus Domini* (vinda do Senhor ao nosso encontro), em uma nova forma de inculturação da fé, pois, no Império romano, esses termos eram usados para designar a preparação para a chegada do imperador a uma cidade.

Expectativa de ver o Senhor

Adventus é um vocábulo em latim, a língua latina falada em Roma na época antiga e conservada pela Igreja ao longo dos séculos. O prefixo *ad* pode ser também traduzido como “ir ao encontro”. Portanto, a ideia inspira duas cenas: de um lado, alguém está a caminho e prestes a chegar; de outro, quem espera não permanece passivo, mas caminha na direção de quem chega. O caminhar e correr para receber o Senhor que vem é um dos aspectos mais acentuados nas orações litúrgicas do Advento. Na Carta apostólica *Admirabile Signum*, 1, sobre o significado e o valor do presépio, o Papa Francisco diz: “Somos convidados a colocar-nos espiritualmente a caminho, atraídos pela humildade daquele que se fez homem a fim de se encontrar com todo o homem, e a

descobrir que nos ama tanto, que se uniu a nós para poder-mos, também nós, unir-nos a ele”.

Três dimensões do tempo presente

A esperança na vinda do Senhor e a decisão de caminhar ao seu encontro, simbolizadas no presépio com a terna expectativa pelo nascimento do Menino Jesus entre anjos, pastores e animais, na gruta de Belém, nascem, mais propriamente, da celebração do mistério do Natal, em suas três dimensões: a memória do passado, a vivência no presente e a esperança futura.

A primeira dimensão tem a ver com a esperança na vinda gloriosa do Senhor no fim dos tempos. A oração coletiva, da missa do Primeiro Domingo do Advento, suplica a Deus que conceda aos fiéis o desejo de correr ao encontro do Cristo que vem, para que mereçam possuir o reino celeste. Esse anseio pela chegada do Reino é típico do processo de entendimento do projeto de Deus, pelo qual passou a Igreja dos primeiros séculos a partir da ressurreição do Senhor.

As práticas do Advento começaram em meados do quarto século da Igreja, tempo em que a catequese e as celebrações litúrgicas do ano todo eram centradas em Cristo ressuscitado. Conforme os Evangelhos, Jesus de Nazaré, depois de ter anunciado o reino de Deus e realizado seus sinais, foi julgado, condenado e morto na cruz. Mas ressuscitou dos mortos. Essa foi a grande novidade que originou a Igreja. Seus discípulos, transformados em apóstolos pela ação libertadora do Espírito Santo, saíram pelo mundo a anunciar a toda criatura o Evangelho, a Boa Notícia da libertação do pecado e da salvação

eterna trazida pela morte e ressurreição de Cristo. Os primeiros cristãos pensavam que a plenitude do Reino de Deus no fim dos tempos iria chegar em breve, por isso, em todas as liturgias, pronunciavam a invocação aramaica *Maranatha* (Vem, Senhor). No fim do livro do Apocalipse, o autor repete em nome de toda a criação: “Vem, Senhor!”. E o Senhor responde: “Sim! Venho sem demora. Amém” (Ap 22,20). A nova vinda, o novo encontro no fim dos tempos, é o desfecho do longo diálogo bíblico entre Deus e a humanidade, o ponto de chegada de toda a História da Salvação. A expectativa dessa segunda vinda é clara nas cartas do apóstolo Paulo: em 1 Tessalonicenses e 1 Coríntios o Apóstolo aponta a vida cristã como um contínuo olhar para o futuro de onde vem o Senhor.

O tempo do Advento celebra em primeiro lugar a esperança futura, porque a Igreja vive um advento perene, em contínua peregrinação no tempo histórico da humanidade, por todos os dias até o fim dos tempos (cf. Mt 28,20). Este é o Tempo da Igreja, o caminho sinodal, comunitário rumo ao Novo Céu e à Nova Terra (cf. Ap 22,1), quando todas as criaturas, libertas do pecado e da morte, glorificarão a Deus eternamente. A esperança no futuro é a tônica das três primeiras Semanas do Advento, desde o primeiro domingo até o dia 16 de dezembro quando começa a novena de Natal, e no último domingo, quando a liturgia faz a memória mais imediata do nascimento de Jesus em Belém.

A segunda dimensão, sobre a memória do passado, é evidente não só nas leituras bíblicas que relembram a esperança do povo de Israel no Messias prometido por Deus e anunciado pelos profetas, como também nas narrativas dos anúncios do nascimento de João Batista e de Jesus, com as respectivas

cenar familiares que as envolvem. A última Semana do Advento dá ênfase às belíssimas invocações inspiradas no profeta Isaías, as quais formam a novena de Natal. A Igreja, com jubilosa esperança, ergue a voz em cânticos, em nome de todas as criaturas, e clama pela chegada do Messias, com seus títulos bíblicos, seguidos do convite suplicante:

- Vinde, *ó Sabedoria* que saístes da boca do Altíssimo, atingis os confins do universo e com força e suavidade governais o mundo inteiro! Vinde ensinar-nos o caminho da prudência! (cf. Is 11,2).
- Vinde, *ó Adonai*, guia da casa de Israel, que aparecestes a Moisés na sarça ardente e lhe destes vossa lei sobre o Sinai! Vinde salvar-nos com o braço poderoso! (cf. Ex 6,6).
- Vinde, *ó Raiz de Jessé*, ó estandarte levantado em sinal para as nações! Ante vós se calarão os reis da terra, e as nações implorarão misericórdia! Vinde salvar-nos! Libertai-nos sem demora! (cf. Is 11,1).
- Vinde, *ó Chave de Davi*, cetro da casa de Israel, que abris e ninguém fecha, que fechais e ninguém abre! Vinde logo e libertai o homem prisioneiro, que nas trevas e na sombra da morte está sentado! (cf. Is 22,22).
- Vinde, *ó Sol nascente* justiceiro, resplendor da Luz eterna! Vinde e iluminai os que jazem entre as trevas, e na sombra do pecado e da morte, estão sentados! (cf. Is 9,1).
- Vinde, *ó Rei das nações*, desejado dos povos! Ó pedra angular, que os opostos unis! Vinde e salvai esse homem tão frágil, que um dia criastes do barro da terra! (cf. Is 9,1-6).

- Vinde, ó *Emanuel Deus-conosco*, nosso Rei legislador, esperança das nações e dos povos Salvador! Vinde, enfim, para salvar-nos, ó Senhor e nosso Deus! (cf. Is 7,14).

O povo de Israel esperou por muitos séculos a vinda de um rei justo e pacífico, descendente de Davi, que iria libertar a nação dos inimigos e guardá-la do mal, como um pastor que cuida do rebanho. Jesus veio ao mundo e realizou os sinais do Reino de Deus, mas a religião judaica não conseguiu reconhecer nele o Messias esperado. Os apóstolos, por sua vez, ao anunciarem a morte e ressurreição de Jesus, revelaram a visão nova da esperança messiânica: o Messias não é apenas um descendente da realeza de Davi; é o libertador e salvador de todos os povos. Pode-se ver nitidamente essa mudança de entendimento no primeiro anúncio do apóstolo Pedro aos judeus e gentios reunidos em Jerusalém, no dia de Pentecostes: “A esse Jesus, Deus o ressuscitou; todos nós somos testemunhas disso’. [...] E Pedro lhes diz: ‘Convertei-vos e sede batizados no nome de Jesus Cristo [...], pois para vós é a promessa, e para vossos filhos e para todos aqueles que estão longe, tantos quantos o Senhor, nosso Deus, chamar!’” (At 2,32.38-39). Por isso, a Igreja romana, fundada sobre os apóstolos Pedro e Paulo, identifica-se como católica, que quer dizer *universal*, isto é: aberta a todo ser humano, de todos os povos e em todos os tempos.

A ressurreição do Senhor e sua missão redentora, que alcança todas as criaturas, propiciaram o entendimento da natureza divina de Jesus, nascido em Belém. A Igreja crê que ele é o Filho de Deus que assumiu a condição humana e veio ao mundo por meio de Maria, como relata a passagem

evangélica do anúncio do anjo à virgem de Nazaré. O anjo lhe disse: “Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus! Conceberás em teu seio; darás à luz um filho e o chamarás Jesus”. Maria, desejosa de entender e aderir, perguntou como isso iria acontecer, já que ainda não convivia com seu esposo José. O anjo revelou-lhe o mistério da encarnação: “O Espírito Santo descerá sobre ti, o poder do Altíssimo te cobrirá; por isso, aquele que nascer será santo; será chamado Filho de Deus” (cf. Lc 1,30-31.34-35).

As duas principais personagens que acompanham a reflexão cristã na segunda dimensão do tempo do Advento são justamente Maria e José. Por meio dos relatos dos Evangelhos, a Igreja faz memória das narrativas do passado. Zacarias e Isabel são protagonistas do nascimento de João Batista, o último dos profetas e o precursor de Jesus. O Batista atualiza a vivência da espera do Messias com o chamamento ao povo de Israel para preparar os caminhos do Senhor mediante a conversão, a penitência dos pecados e a mudança de vida.

A terceira dimensão, sobre a vivência no presente, perpassa as outras duas dimensões. O Senhor vem a cada dia, a cada momento; cabe a nós recebê-lo, como diz o Apocalipse: “Eis que estou parado à porta e bato! Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei para junto dele e comerei com ele, e ele comigo” (Ap 3,20). A liturgia dos quatro domingos do Advento ajuda a vivenciar no presente a caminhada ao encontro do Senhor que vem.

Ao falar da vinda do Senhor, Bernardo de Claraval, monge e doutor da Igreja, explica em um sermão do Advento: “Oculta, ao invés, é a vinda intermediária, na qual somente os eleitos o veem dentro de si, e suas almas são salvas. Na

primeira vinda, portanto, ele entra na fraqueza da carne; nesta intermediária, vem no poder do Espírito; na última, virá na majestade da glória. Assim, esta vinda intermediária é, por assim dizer, um caminho que une o primeiro ao último”. A “vinda intermediária”, mencionada por São Bernardo, é, portanto, a ação do Espírito Santo que transforma e santifica, quando a pessoa abre o coração ao Senhor.

VIVER O ADVENTO

Se, no Advento, a Igreja propõe os passos que conduzem jubilosamente ao encontro do Senhor que vem, cabe a cada pessoa aplinar o caminho, limpá-lo de tudo aquilo que possa dificultar a caminhada ou torná-la excessivamente cansativa, para não dificultar os passos daqueles que caminham. Esta é uma prática cotidiana, um aspecto da espiritualidade.

E essa vivência deve se expandir ao longo do ano todo, pois tornar retos os caminhos sinuosos e aplinar os acidentados requer um esforço constante de conversão que abrange a vida inteira. É um estilo de vida, uma conexão permanente com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. Esta união configura a identidade da pessoa batizada à própria pessoa de Jesus, sob a ação do Espírito, e a faz testemunha do Reino de Deus e de seu amor.

A espiritualidade do Advento inspira a assimilação e a vivência constantes daquilo que é celebrado na liturgia. Uma das reflexões mais comuns desse tempo de espera é: “preparar o coração para a vinda do Senhor”. Isso quer dizer converter-se e crer no Evangelho. Na prática, é o exercício de prudência, discernimento, justiça, paz e, sobretudo, de amor ao próximo e de caridade. Estas palavras-chave, inspiradas no ensinamento do apóstolo Paulo, formam a tônica dos dois primeiros domingos, enquanto os dois últimos são dedicados à alegria, à oração e à vigilância. É isso que escreve o apóstolo nas cartas proclamadas nas missas dominicais do Advento. Quatro desses textos, aqui selecionados dentre os três diferentes anos litúrgicos, mostram que a espiritualidade é um